
Um programa conceito: Artivimo¹

Victor Faria dos Santos²

Iluska Maria da Silva Coutinho³

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Este artigo pretende investigar se o programa Artivismo, exibido da TVT e na Rede Minas, cumpre o papel de trazer um conteúdo democrático, que apresente as concepções inerentes a uma comunicação pública de qualidade. Ainda avalia se a promessa de um programa inovador, social e colaborativo é exercida na prática. Trabalhando com os conceitos de linguagem audiovisual, comunicação pública, jornalismo cultural, colaboração, além do próprio conceito “artivismo”, o artigo tem como metodologia a Análise da Materialidade Audiovisual, proposta desenvolvida por Iluska Coutinho no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual(CNPq-UFJF). Para a realização do estudo apresentado neste artigo foi selecionado como recorte, a primeira semana de exibição do programa.

PALAVRAS-CHAVE: Artivismo; Comunicação Pública; Jornalismo Cultura; diversidade; Análise da Materialidade Audiovisual.

Introdução

“Artivismo” é um conceito, mas também uma proposta de prática/ intervenção, que se constitui a partir da somatória de três pontos: arte, política e ativismo. Considerado uma ação da contemporaneidade, o neologismo “artivismo” é usado para nomear a arte que imprime características sociais.

Ao trazer esse conceito no nome, o programa “Artivismo” que entrou no ar na TVT no dia 5 de fevereiro de 2018, assume a responsabilidade de representar tal conceito. O recente programa que é exibido diariamente, também faz parte da programação da Rede Minas. A produção do “Artivismo” é feita de forma colaborativa e gerenciado pelo Movimento Cria⁴.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduando de Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da UFJF. E-mail: victorfaria_p@outlook.com

³ Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, orientadora do trabalho. E-mail: iluskac@globo.com

⁴ MovCria é uma rede de comunicação comunitária e independente, formada por vários ativistas do Brasil, que buscam uma mídia livre, plural, crítica e autônoma.

Este artigo traz como aporte teórico o próprio conceito de ativismo, além da ideia de linguagem audiovisual, jornalismo cultural, TV pública e conteúdo colaborativo e independente. Todos esses pontos são apresentados para ajudar a debater as propostas inseridas no “sobre” do programa. O Ativismo está presente na grade de uma emissora pública, a Rede Minas, na editoria de Cultura. O texto no site do programa afirma que o conteúdo que o espectador vai conferir é uma colaboração, realizada de forma independente. Ainda consta que a linguagem do programa é inovadora. A proposta é conferir se todos esses conceitos são realmente apresentados no decorrer das primeiras edições do programa.

O método utilizado para avaliar as cinco primeiras edições do “Artivismo”, exibidas entre os dias 5 e 9 de fevereiro de 2018, foi a Análise da Materialidade Audiovisual, proposta elaborada pela professora Iluska Coutinho no decorrer das atividades do agora, Núcleo de Jornalismo e Audiovisual(CNPq-UFJF). A metodologia desenvolvida tem como intuito garantir cientificidade aos trabalhos realizados na área de comunicação audiovisual, buscando ser um método que analisa a materialidade em toda a sua complexidade e traga novas perspectivas, alcançado mais do que a percepção/leitura, descrição e o julgamento. Para isso é preciso avaliar o conjunto formado pela unidade texto+som+imagem+tempo+edição.

Conceituando A(r)tivismo

O neologismo ativismo representa um conceito que soma arte, política e ativismo. Para Julio Filho, tanto arte quanto política, encontram a sua autonomia atuando separadamente, no entanto quando ambas caminham juntas podem promover diversas outras “novas significações, narrativas e complexidades processuais que fazem com que o artista tenha que adotar procedimentos e matérias nem sempre tão comuns ou usuais” (FILHO, Julio, p. 37, 2015).

Miguel Chaia considera o ativismo uma ação da contemporaneidade que se determina não só a partir da intenção do estreitamento de atividades artísticas que

buscam nuances políticos, mas também se configura quando ações política são estabelecidas com apoios estéticos.

Julio Filho defende que o “ativista” é a pessoa que usa as diversas mídias e as tecnologias para promover trabalhos artísticos que tenham interferência direta na sociedade, mas ele destaca que para isso não é necessário ser um artista de formação. Ou seja, o conteúdo produzido não precisa ter como matéria prima a qualidade técnica. Outras peculiaridades ganham maior importância na construção do ativismo. “É característico desse tipo de arte política a participação direta, configurando formatos de situações que vai do artista crítico até o engajado ou militante.” (CHAIA, 2007). As ações ativistas sejam nas ruas ou nas redes são criadas coletivamente, na maioria das vezes, já que os propósitos tendem a ser mais sociais do que individuais.

Um objeto de estudo Artivista

O programa “Artivismo”⁵ entrou no ar na grade da TVT⁶ no dia 5 de de fevereiro de 2018, e atualmente também integra a programação da Rede Minas⁷. Segundo o próprio site da TVT, o programa “Artivismo” se constitui baseado em três pilares: arte independente, questões sociais e política. O principal eixo do programa é mostrar o ativismo por meio da arte, sendo mais do que um programa cultural, ele traz para debate questões sociais. A proposta também faz parte das concepções e ideia defendidas pelo Movimento Cria (MovCria)⁸, responsável pela produção do programa.

Se apresentando como uma rede de comunicação comunitária e independente, o MovCria é formado por vários ativista do Brasil. O movimento preza e luta por uma mídia livre, plural, crítica e autônoma, promovendo reflexões sobre os direitos do cidadão através de uma produção cultural, jornalística e artística de rádio e TV.

A ideia do “Artivismo” é convocar a audiência para fazer parte do processo de produção do programa. A proposta é exibir um conteúdo inovador, com vídeos enviados pelos telespectadores, trazendo diferente tipos de quadros, porém sem nenhum

⁵ Artivismo na TVT. Disponível em: <http://www.tvt.org.br/artivismo-01032018>

⁶ A TV dos Trabalhadores é uma emissora licenciada em São Bernardo do Campo. A emissora educativa é mantida pelo Sindicatos dos Metalúrgico do ABC e pelo Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região.

⁷ Programação Cultural da Rede Minas. Disponível em: <http://redeminas.tv/cultura/>

⁸ Página do MovCria no facebook: <https://pt-br.facebook.com/movcria/>

apresentador. No lugar da figura convocada para guiar o programas, encontram-se os “provocadores” que possuem a responsabilidade de evocar reflexões.

A produção do programa determina que os vídeos enviados devem ter no máximo quatro minutos de duração em HD 1080 P, abordando assuntos que incluam atividades de movimentos sociais, ações comunitárias, estudantis ou produções artísticas.

A lógica de produção independente e colaborativa ainda pode gerar dúvidas em muitos veículos comunicacionais, já que pode comprometer inclusive a qualidade técnica do que é exibido. Não só nas emissoras públicas, mas também na TV privada já houve algumas tentativas de colocar o espectador como o próprio produtor de conteúdo. Lara Guimarães (2013) percebe que essa tendência de convocar o público, estimulando a criação de conteúdo ‘independente’, está presente em diversos formatos e gêneros da televisão brasileira, principalmente na atualidade, onde é permitido usar o suporte da internet e das novas tecnologias como apoio a essas investidas.

O programa Artivismo é uma importante ferramenta de análise que propõem, justamente, a colaboração através de conteúdo independente, em um cenário em que ainda não é possível delimitar se essa proposta alcança sucesso em sua totalidade. Lara Guimarães acredita que:

O tipo de iniciativa, inclusiva, de apoiar a produção independente, com financiamento público e espaço de veiculação tem um caráter potencialmente positivo. Porém, como essa é uma prática ainda nova no cenário televisivo brasileiro, há exigência por análises mais rigorosas, capazes de considerar também longos períodos de tempo desse tipo de política, pública, de comunicação (GUIMARÃES, 2013, p.270)

Na Rede Minas, atualmente, o “Artivismo” é exibido de segunda a sexta, em dois horários: às 7:30 e às 19:00. A proposta de linguagem audiovisual também é um diferencial do programa, já que existe uma perspectiva de inovação. Ao discorrer sobre o vídeo e suas linguagens, no livro pré-cinemas e pós-cinemas, Arlindo Machado(1997) propõe que o campo televisivo permite abusar de novas propostas para serem exibidas nas telas, já que não existem recursos a serem considerados certos e errados na linguagem audiovisual.

Para Marcondes Filho a inovação sempre é uma opção interessante quando pretende-se criar um produto audiovisual. Ele diz que a linguagem padrão é uma redução de tipos, facilmente identificável. “Essa padronização criada pela televisão empobrece, sem dúvida alguma, a reprodução da vida, reduzindo-a a um agrupamento de cenas-padrão”. (MARCONDES FILHO, 1988, p.44). Sair do padrão já estabelecido durante anos na televisão pode parecer arriscado, no entanto, a tentativa de busca por novas linguagens pode ser justamente um atrativo para a audiência. Nesse sentido, a TV Pública é um espaço possível para a experimentação, já que os seus principais objetivos não estão ligados a lógica do lucro e a procura por anunciantes. Diferente da TV Comercial, que assume um risco muito maior, quando tenta-se investir em um produto que apresente características inovadoras, fora dos padrões já determinados pelo no mercado tradicional.

“Artivismo” em uma TV Pública

A informação tem grande poder na construção de pensamentos e ideologias, por isso os meios de comunicação podem ser importante forma de construção de sociedades mais democráticas, assim o exercício efetivo do direito à comunicação requisito primordial para se estabelecer um espaço igualitário também na esfera midiática. O Intervozes⁹ - Coletivo Brasil de Comunicação - considera que a conquista desse direito está relacionada também à oportunidade de “ter acesso aos meios de produção e veiculação de informação, de possuir condições técnicas e materiais para ouvir e ser ouvida, de ter o conhecimento necessário para estabelecer uma relação autônoma e independente frente aos meios de comunicação” (INTERVOZES, 2018).

Considerando que a TV Comercial preza primeiramente pelos seus interesses econômicos e políticos, outras concepções que deveriam ser inerentes à produção de informação nas emissoras deixam de ser prioridade. Bucci, Chiaretti e Fiorini (2012) defendem que para as emissoras se permitirem mediar debates, estabelecendo uma conversa democrática com os cidadãos, não se pode ter como único objetivo o lucro.

⁹ Site do Intervozes. Disponível em: <http://intervozes.org.br/>

Para constituir um espaço mais democrático e igualitário, não representado nas TVs comerciais, surgem as emissoras públicas. No Brasil, a Comunicação Pública é um direito previsto em lei, mais precisamente no artigo 223 da Constituição Federal.

As emissoras públicas são financiadas com o dinheiro público e também por isso devem prestar serviços à população. Diante disso, elas possuem o dever e a necessidade de representar cada parcela da sociedade nos conteúdos produzidos. Bucci, Chiaretti e Fiorini (2012) salientam que a Radiodifusão Pública tem cinco pontos essenciais:

A Radiodifusão Pública conta com distintos modelos em funcionamento em várias nações. Entretanto, algumas características são ou deveriam ser comuns: 1) independência editorial e financeira; 2) autonomia dos órgãos de governança; 3) pluralidade, diversidade e imparcialidade da programação; 4) claro mandato de serviço público, estabelecido em documentos legais pertinentes; 5) prestação de contas (accountability) junto ao público e junto aos órgãos reguladores independentes. (BUCCI, CHIARETTI E FIORINI, 2012, p.9)

A grande preocupação que se forma no entorno da TV Pública é a questão da autonomia e da independência configuradas nessas emissoras. Iluska Coutinho discorre sobre o enunciado feito pelo então ministro da Comunicação Franklin Martins, que afirmava que os princípios da TV Pública deveriam: “passar por um modo de gestão descentralizado, garantindo autonomia em relação ao Palácio do Planalto, pelo financiamento que deveria garantir a independência da emissora com a possibilidade de prestação de serviços patrocínios e doações, pela construção de uma rede nacional de televisão pública” (COUTINHO, 2013, p.24). Além da independência em relação ao governo e governistas, as emissoras públicas precisam ter autonomia diante do mercado.

Emissoras submissas ao poder ou ao mercado não geram programações públicas de qualidade, isto é, não oferecem à sociedade as alternativas culturais que estão vocacionadas a oferecer: programações com um olhar crítico, distanciado, do poder e do próprio mercado. Se for uma extensão dos interesses governamentais, a emissora pública não conseguirá sediar debates que critiquem esse mesmo poder. Se for seguidora obediente das regras do mercado anunciante, a emissora pública não poderá, não saberá e não conseguirá pautar programas que tenham uma abordagem suficientemente crítica das realidades de mercado. (BUCCI, CHIARETTI E FIORINI, 2012, p.13)

No Brasil, a televisão pública começou a se destacar e ganhar notoriedade em 2007 com o surgimento da TV Brasil, vinculada à EBC - Empresa Brasil de Comunicação. Iluska Coutinho destaca o surgimento da TV Brasil como uma

importante conquista que acenou para a possibilidade de ter-se mais pluralidade e democratização do acesso à comunicação e à informação no país. No entanto, o caráter público da emissora durou pouco anos, já que a aprovação da Medida Provisória 744/16 do governo Michel Temer acabou com o Conselho Curador, órgão que permitia à EBC ter mais autonomia nas tomadas de decisões, garantindo seu vínculo com a sociedade. A partir da MP 744, a Empresa Brasil de Comunicação perdeu o direito de interferir na produção, programação e distribuição do conteúdo do sistema público de radiodifusão e agências. Assim a emissora passa a trabalhar em prol do governo e não mais apenas a favor da sociedade.

Diante do desmonte da EBC, a Rede Minas acaba sendo a principal alternativa de uma proposta pública de comunicação para os mineiros. Criada por Tancredo Neves em 1984, a emissora faz parte da política cultural do Estado de Minas Gerais. Assim, como parte majoritária das emissoras públicas do Brasil, na Rede Minas parte dos conteúdos exibidos durante a programação não são produzidos pela emissora. Uma das parcerias de exibição conteúdo colaborativo da Rede Minas é com a TVT.

A TV dos Trabalhadores foi inaugurada no dia 23 de agosto de 2010. A emissora se apresenta como uma TV educativa outorgada à Fundação Sociedade Comunicação Cultura e Trabalho, entidade cultural sem fins lucrativos, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e pelo Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região. A TVT se coloca também como uma experiência inovadora. No site TVT é destacado o compromisso da emissora com a cidadania, justiça social e principalmente com a democracia. A TVT preza pela democratização de acesso ao meio de comunicação, incentivando a produção de informação feita pelo cidadão comum. Dando foco para cultura e para tradição, a emissora arquiteta programas que abracem temas que costumam ser ignorados nas mídias tradicionais. Os diversos segmentos sociais, de grandes centros urbanos e do campo são abordados nos conteúdos informativos produzidos pela emissora, como ocorre com o programa Artivismo.

Jornalismo Cultural na TV Pública

A demanda pela informação sobre conteúdos ligados à arte, música e ao teatro atualmente não é atendida pelas TVs comerciais. O jornalismo cultural não costuma se prioridade na grade de programação dessas emissoras. De maneira geral não há muitos programas direcionados à cultura, e além disso nos telejornais, principalmente em âmbito nacional, poucas são as edições que colocam matérias culturais. Segundo Francisco de Assis o jornalismo cultural quando exibido está muito mais ligado à lógica do entretenimento: “não há grande empenho na promoção de algo mais consciente, que pelo menos se achegue ao que se espera de um bom jornalismo cultural” (ASSIS, 2008, p. 186).

Os novos processos produtivos inerente aos meios de comunicação de massa mudam não só a quantidade de informações, mas também interferem na qualidade de informação que chegam até o público. Diante disso, torna-se necessário a produção de conteúdos especializados, direcionados para uma audiência específica. Ou seja, quando o foco do conteúdo cultural é a especialidade de um produto televisivo, a probabilidade de obter um resultado final de qualidade aumenta. A criação desses espaços setorializados e especializados, também, pode abrir possibilidade para experimentações de linguagens e para diferentes formas de produção e elaboração de pautas (TEMER, NUNES, 2014).

Para Ana Carolina Temer e Mônica Nunes (2014) no jornalismo impresso em certa medida ainda há espaço para o jornalismo cultural, em alguns jornais pode considerar até crescente o número de pautas culturais, mas na televisão comercial as perspectivas são outras. Diferente das emissoras privadas, a grade de programação da televisão pública possuem diversas opções de programas com foco direcionado a matérias culturais. Na grade atual da TV Brasil cerca de 15% da programação encontra relação com alguma área da cultura, sendo que a maioria desses programas são voltados diretamente para assuntos musicais, teatrais e artísticos. Já na Rede Minas quase 30% da programação é formada por conteúdos culturais, sendo que alguns deles apresentam contextos e vieses sociais, como o programa Artivismo.

A Análise do Programa Artivismo

Para fazer a análise do Artivismo será utilizado como recorte a semana de estreia do programa, edições que foram exibidas entre os dias 5 e 9 de fevereiro. A partir da Análise da Materialidade Audiovisual e dos conceitos articulados neste artigo, busca-se entender se o programa cumpre a promessa de trazer o tripé arte independente, questões sociais e políticas para a tela da tv aberta, de caráter público. Também será avaliado se o Artivismo possui conteúdos que dialogam com os conceitos da comunicação pública, o que tornaria plausível a sua exibição na Rede Minas, e ainda se o produto apresentado se constitui em uma proposta inovadora.

Cada um dos cinco programas exibidos apresentam diferente temas e fontes, no entanto todo o conteúdo abordado é cheio de intenções sociais e políticas. O programa começa logo na vinheta mostrando o seu caráter independente. Uma voz em *off*¹⁰ enuncia algumas falas para conferir se está tudo certo para começar o programa: “Tá ótimo! tá baixo? o retorno também tá bom na minha voz? tá gravando já? Ainda na abertura o MovCria, coletivo que produz o programa, é apresentado, o que deixa claro que o programa é formado por uma rede de comunicação comunitária e independente que preza pelo direito à comunicação e o direito da pessoa humana.

O programa não possui um apresentador, então os vídeos entram no ar sem nenhum tipo de introdução. Às vezes a logomarca do programa aparece como uma espécie de transição, para mostrar que está mudando de assunto. Porém, em grande parte das situações, o programa não tem o caráter didático tão comum na TV tradicional.

- Primeiro Programa - 05/02/18 - 14:50¹¹

O primeiro Artivismo exibido começa tendo como entrevistados dois integrantes do coletivo Maçãs Podres, grupo feminista que intercala questões raciais e de classe. Inicialmente não é possível identificar se ambos os entrevistados fazem parte do mesmo grupo. A segunda entrevistada aparece toda vez que é usado o plano aberto, porém só começa a falar na metade do programa.

¹⁰ Texto gravado para cobrir imagens. O texto está em off quando a pessoa não aparece na tela.

¹¹ Programa exibido no dia 05/02/18. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_6tvuZvSwyU

Os cortes são muito rápidos, intercalando dois planos fechados, planos abertos e imagens de apoio. Algumas imagens tremidas são apresentadas, mas não interferem na construção do material. O *Zoom in*¹² e o *Zoom out*¹³ são recursos muito utilizados nesse programa. Também são exibidas cenas de bastidores que pegam a pessoa que está filmando a entrevista e imagens fechadas em plano detalhe. Alguns recursos gráficos são utilizados de forma metafóricas para fazer uma paralelo com o que está sendo dito pelo o entrevistado. Nesse primeiro momento a dinâmica do programa parece muito aceleradas, porém a entrada do videoclipe “showbiz” ajuda a configurar uma dinâmica mais calma. Depois do videoclipe, a entrevista com os integrantes do Maçãs Podres volta a ser exibida. Em alguns instantes o som do vento atrapalha a captação de áudio, mas o ruído é bem breve. O BG (background)¹⁴ é muito utilizado durante todo o programa, ajudando na dramatização das falas.

Os entrevistados falam da necessidade de espaço para os artistas que não estão na grande mídia, tema que dialoga com a proposta do próprio programa. A fala da entrevistada diz muito da ideia de experimentação de linguagem do Artivismo. Para destacar a necessidade de se buscar o espaço para sua arte ela diz: “Se a gente não consegue produzir arte pelo fato de não conseguir acessar esses espaços, porque tem custo pra isso, vamos aprender a mexer e se apropriar desse instrumentos e produzir a nossa arte, colocando o nosso olhar, porque o vídeo também é uma forma de expressão, cada um que segura a câmera vai trazer a informação de um jeito muito próprio”. Outra situação que chama atenção é quando o entrevistado fala de solidariedade, no mesmo momento em que acontece algo na rua, próxima ao cenário de gravação, uma pessoa ajuda um(a) motorista a empurrar o carro, a câmera rapidamente se move para o lado do ocorrido. Para fechar a entrevista, um tema colocado em pauta é a educação audiovisual. O programa termina com o videoclipe, Valsa ao Motorista, da banda Alumar.

- Segundo Programa - 06/02/18 - 12:51¹⁵

¹² Aumentar uma imagem com a lente da câmera. Concentrar em algo específico, mostrar mais detalhes.

¹³ Diminuir o tamanho de uma imagem. Mostrar menos detalhes de uma imagem.

¹⁴ Background é a música ou som que se envolve em segundo plano no material audiovisual.

¹⁵ Programa exibido - 06/02/18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V00AyPJIHIM&t=1s>

O segundo programa começa com algumas imagens da zona norte de SP. Em seguida há um movimento de aproximação no registro na placa “Nunca Feche o cruzamento”, imagem que aparece repetidas vezes durante o programa. A trilha sonora é dos Racionais. A imagem de uma parede grafitada com um olho é exibida durante alguns segundos. O primeiro assunto debatido nesse programa tem como tema mídia e periferia. O entrevistado levanta a questão da falta de representatividade que alguns indivíduos podem encontrar na mídia hegemônica, criticando que a periferia só aparece na mídia quando o assunto é tragédia. Porém ele acredita que só a cultura pode mudar um pouco isso, já que existem muitos projetos sociais e culturais na periferia que merecem destaque. O entrevistado Toni C fala do projeto “Literarua”. A entrevista é interrompida e começam a ser exibidas imagens de uma feira livre junto ao gerador de caracteres por meio do qual são inseridas algumas frases como: “drogaria mais saudável” (no momento em que aparece imagens de frutas).

Assim como no primeiro programa muitas imagens são feitas em plano sequência, sem corte, em alguns momentos específicos. O entrevistado aparece comendo pastel na feira em um enquadramento que corta parte da sua cabeça e parte do seu rosto. O uso do Zoom às vezes desfoca a imagem da câmera. Em poucos segundos o ângulo da câmera é trocado repetidas vezes, variando com entrevistado de frente e de perfil, em cortes rápidos. O Câmera/repórter cinematográfico, pela primeira vez, faz algumas intervenções na entrevista.

Toni explica durante a entrevista o significado do termo “literarua”. Ele também provoca reflexões ao dizer que o hip hop alimenta alma. Nesse sentido é possível entender o paralelo feito no programa, entre o alimento saudável, que faz bem para o corpo, e a literatura, que é colocada com um bom alimento para a alma.

- Terceiro Programa - 07/02/18 - 12:45¹⁶

O programa começa com a tela preta e uma frase escrita em branco : “Em 2010, morreram no brasil 49.932 pessoas vítimas de homicídio. 70,6% da vítimas eram negras”. Uma jovem aparece e diz a seguinte frase: “sou jovem negra e quero viver”.

¹⁶ Programa exibido-07/02/18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O8sY2Q5tSBs&t=3s>

Em seguida ela coloca o capuz da blusa e diz “Eu pareço suspeita?”. O vídeo representa uma provocação e propõem uma reflexão. A proposta desse vídeo foi desenvolvido em parceria com diversas produtoras.

No segundo vídeo desse programa é apresentado a orquestra “Nomade Brasil”. Enquanto algumas imagens da orquestra são mostradas, no Gerador de Caracte surgem algumas frases como, “Saboreie uma opção de Groove daquelas”. “Nômade é o do ABC Paulista”. “Mistura jazz, funk, rock, reggae, blues e música do mundo”.

Para mudar de assunto aparece a logo do Artivismo e em seguida um outro videoclipe é exibido. Dessa vez, Pedro, um jovem negro da periferia do RJ faz a sua poesia atrás de uma grade - gerando provocação com o que é cantado - com a música Literatura Marginal. A logo do Artivismo aparece novamente antes de mais um clipe. MOVNI - Cordel Molotov - com a participação do Rapadura, o vídeo faz crítica a uma sociedade ignorante e preconceituosa.

- Quarto Programa - 08/02/18¹⁷

No primeiro vídeo desse programa é exibida uma entrevista com uma banda independente do cenário do Punk, a banda Avante. Nessa entrevista, pela primeira vez, aparece uma referência dos conteúdos produzidos pela mídia tradicional. Os integrantes aparecem em pé com um microfone direcional na mão, por hora o plano é aberto pegando todos, e às vezes ocorre um *zoom in* no integrante que está falando no microfone. Uma segunda câmera pega os integrantes de perfil. A entrevista é coberta com imagens de ensaios da banda.

No segundo vídeo aparece uma Tela preta, como a seguinte frase escrita: “Pretinhos, baianinhos, paraibinhos, índios e caboclos estão nesse exato momento, sofrendo alguma espécie de maltrato, pelo simples fato de não pertencerem a minoria branca” (DOS SANTOS, José Rufino, O que é racismo?). Para quem está acompanhando o programa é possível entender que esse é o segundo episódio da mesma série de vídeos ou do mesmo quadro exibido anteriormente, “Eu pareço suspeito?”. Já o terceiro vídeo traz uma animação crítica, que sugere fazer um paralelo com a ideia dos

¹⁷ Programa - 08/02/18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h5VJq9dgiNQ>

perfis padrões aceitos pela sociedade. Inicialmente existe um boneco tentando criar um outro boneco que representa um personagem masculino, mas o próprio personagem que está sendo criado subverte isso. Ele desmonta o que criaram dele e se monta da maneira que quer, colocando em si os símbolos dos gêneros masculino e feminino ao mesmo tempo. No vídeo 4 tem uma entrevista com a banda Treme Terra, falando sobre o projeto afrobase. O vídeo 5 repete o mesmo vídeo da série “Eu pareço suspeito?”, que foi exibido no programa 3.

- Quinto Programa - 09/0218 - 13:49¹⁸

O quinto programa começa com um vídeo com imagens muito característica de uma GoPro. A imagem começa invertida. Em seguida entra uma outra imagem de um espaço de confecção de cartazes. Esses cartazes produzidos trazem um “olho” estampado, o mesmo olho que aparece grafitado em uma parede no programa de estreia. O tema desse vídeo é a jovem arte contemporânea brasileira. A entrevista do vídeo é uma das integrantes do projeto MAPA. Do ponto de vista técnico, durante a entrevista o enquadramento corta parte da cabeça da entrevistada. O mapa da cidade universitária é uma das questões problematizada no decorrer da entrevista.

O segundo projeto exibido é um videoclipe que fala de respeito, a música do Rapper Panikinho recebe o nome de “Sorriso negro é ostentação”. O terceiro vídeo desse episódio aborda uma oficina de Serigrafia. As imagens de apoio junto com o BG são intercaladas com as entrevistas. Já no quarto vídeo, o vice presidente Condepe - Conselho Estadual de Direitos da Pessoa Humana SP - Wanderson Gasparot discorre sobre a importância de colocar a política em debate. A entrevista foi feita em um enquadramento tradicional, basicamente uma pessoa em frente a câmera falando sobre um assunto, que neste caso é política. O quinto vídeo é um sonora rápida de uma estudante dizendo que é importante dar voz às minorias. O último vídeo também é uma fala rápida de Emerson Alcade, que é poeta e organizador do slam. Ele discorre sobre a importância desse novo espaço de se fazer poesia.

¹⁸ Programa - 09/02/18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nuGHmsDR5Jo>

Considerações Finais

O “Artivsmo” é um programa ainda muito recente na grade de programação tanto da TVT quanto da Rede Minas, porém já traz muitos aspectos que são relacionados às promessas das Tvs públicas e educativas, como os conceito de diversidade, pluralismo e colaboração. A ideia e a proposta do programa em si, dialoga com os princípios propostos por uma comunicação pública. Ao falar de arte independente, o Artivismo em certa medida fala de si mesmo, já que o programa é um mosaico de produções independentes, e a produção geral do programa, feita pelo Movimento Cria, também é independente.

Como é característico do programas das Tvs públicas, e também do que é produzido de forma independente, até por falta de investimento financeiro, em alguns momentos a qualidade técnica do programa é um fator prejudicial, principalmente quando há ruídos que interferem na comunicação, como o vento no microfone e a imagem tremida. No entanto, no Artivismo tudo parece proposital. Os cortes secos e rápidos que aparecem, principalmente, nos dois primeiro programa analisados, pode ser um fator que incomode o telespectador. Somando a quantidade de informação, de imagem, texto, cortes e artes gráficas em pouco espaço de tempo, muitas vezes é possível perder a atenção no que está sendo dito.

Porém, como a proposta do programa é inovar e experimentar tudo parece fazer sentido. Fica claro que o “Artivismo” em nenhum momento tenta ser objetivo, característica cara o telejornalismo tradicional. O telespectador pode ir entendendo o programa aos poucos. Mais do que passar a informação de maneira rápida e compreensiva, o “Artivismo” parece querer desenvolver reflexões e pensamentos críticos no seu “receptor”. Ao longo de cada programa e até dos episódios é possível entender a linha de raciocínio da produção do programa. De que cada imagem, ou cada gerador de caractere que surge na tela, assim como as falas dos entrevistados funcionam com um “provocador”, que cria novas ideias e sugere novos pensamentos relacionados com o tema abordado durante o programa. Por mais que o programa apresente dois, três ou até seis vídeos diferente, eles estabelecem um diálogo entre si, então entende-se que não há necessidade de interferências, seja de um apresentador ou de uma vinheta, para

estabelecer que existe uma troca de assunto, porque de certa forma o assunto continua, o que muda é o ponto de vista, o cenário e até o formato em que o vídeo é apresentado.

Pode-se dizer que o Artivismo é um produto extremamente interessante para ser exibido em qualquer tipo de emissora, e, principalmente em uma emissora pública, neste caso a Rede Minas. O programa traz temas que raramente estão no agendamento das televisões comerciais e hegemônicas. Faz um jornalismo cultural rico e cheio de pensamentos crítico, nada superficial. Trata de arte e de sociedade de uma maneira inovadora, tanto no que tange ao assunto, a fala, quanto no ponto de vista da experimentação de linguagem audiovisual. Como afirma Arlindo Machado, no audiovisual não existe certo e errado, existem propostas que funcionam para certos produtos. O Artivismo é uma proposta funcional que cumpre com seu dever e com suas promessas.

Referências bibliográficas

ASSIS, Francisco. Jornalismo Cultural Brasileiro: aspectos e tendências. *Rev. Estudo Comunicação*, Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, set./dez. 2008.

BUCCI, Eugênio; FIORINI, Ana Maria; CHIARETTI, Marco. Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas - Uma Avaliação Contemporânea. *Série Debates CI (Unesco)*, v. 10, 2012.

CHAIA, Miguel. *Artivismo: Política e Arte Hoje*. São Paulo: Aurora, 2007.

COUTINHO, Iluska. *O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível*, 2016.

COUTINHO, Iluska. Sobre o (Tele)Jornalismo Público: conceitos e métodos de análise. IN: COUTINHO, Iluka (org.). *A informação na TV Pública*. Florianópolis: Insular, 2013, p.21-39

FILHO, Julio. *ARTIVISMO: Arte + Política + Ativismo - Sistemas Híbridos em Ação*. São Paulo: Unesp, 2015, p.37-79.

GUIMARÃES, Lara. Pitching: a produção independente da TV Brasil. IN: COUTINHO, Iluka (org.). *A informação na TV Pública*. Florianópolis: Insular, 2013, p.261-272.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e pós-cinemas*. Papyrus Editora, 1997. p. 173-198/213-250

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.

TEMER, Ana Carolina, NUNES, Mônica. Conteúdos culturais do telejornalismo e a presença das mulheres jornalistas. *Rumores*, n.16, v.8, Jul-Dez,2014.